

10^a ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Não se pode comprar o chão: garimpo urbano, materialidade e disputas infraestruturais na Feira da Glória (RJ)

João Vítor Velame¹ (PPCIS-UERJ)

Taiany Marfetan² (PPCIS-UERJ)

Resumo: Este trabalho etnográfico investiga os efeitos sociopolíticos da gentrificação e da proibição de um dos muitos “circuitos inferiores da economia urbana” (Santos, 1979) no Rio de Janeiro: o “shopping chão” da Feira Livre da Glória. Durante um ano, acompanhamos garimpeiros urbanos que coletam, selecionam e revendem objetos descartados, observando “a vida ‘pós-descarte’ dos objetos” (Lima, 2021) e os corpos envolvidos nessas práticas, frequentemente associados à sujeira, perigo e desordem (Douglas, 2014). O garimpo urbano reconfigura infraestruturas de limpeza e disputa o direito à cidade, na medida em que “vidas baratas são produzidas pelo aparato da ordem social moderna” (Patel e Moore, 2007). O chão da feira torna-se um campo de disputa entre políticas de revitalização e práticas populares de reutilização. Em 2024, mapeamos 81 expositores organizados por categorias flexíveis e analisamos como esse mercado articula saberes locais, redes de valor e relações afetivas. Acompanhamos a mobilização de um grupo de mulheres — em sua maioria negras, mães e trabalhadoras — que, em resistência, organizaram passeatas, criaram redes sociais e estratégias contra o “choque de ordem” da prefeitura. Ao tratar o descarte como matéria em mobilidade, refletimos sobre a tecnopolítica das infraestruturas e os efeitos da “violência lenta” (Nixon, 2011) em mundos por vir.

Palavra-chaves: Garimpo Urbano; Infraestruturas Urbanas; Feira livre; Gentrificação.

¹ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). E-mail: joaovictorvelame@gmail.com

² Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ). E-mail: taiany.marfetan@gmail.com

“Tú no puedes comprar las nubes

Tú no puedes comprar los colores

Tú no puedes comprar mi alegría

Tú no puedes comprar mis dolores”

(Latinoamérica - Entre Los Que Quieran - Calle 13)

INTRODUÇÃO

Em um dia de chuva, um homem negro, magro, barbudo, cerca de 30 anos, vendia suas mercadorias na Feira Livre da Glória³, em um ambiente conhecido localmente como *Shopping*⁴ *Chão*⁵. Abrigado com um guarda-chuva sob a marquise de um prédio, estava agachado com uma criança no colo, uma menina de cerca de 7 anos. À sua frente, dispostas sobre um pano, estavam suas mercadorias: peças de vidro e, em sua maioria, de porcelana — copos, pratos, talheres e outros utensílios — que, por sua materialidade, não estavam cobertas e se molhavam com a chuva.

Um veículo (um *Jeep*) aproximou-se e, em vez de usar a faixa livre da via, avançou diretamente sobre a lona e as mercadorias, esmagando os objetos e seguindo seu caminho. O som dos cacos quebrando, marcado pela violência simbólica e material, expõe hierarquias urbanas profundas. Afinal, você já quebrou um copo ou prato? Lembra da sensação quando os pedaços se espalham? É preciso recolhê-los com cuidado, para não se cortar ou deixar estilhaços pela casa. Quando a matéria se quebra, algo permanece.

³ A Feira Livre da Glória, encontra-se localizada no bairro da Glória na cidade do Rio de Janeiro-RJ, Brasil. Acontece todos os domingos.

⁴ Shopping (gerúndio do verbo to shop, que significa comprar ou fazer compras, uma abreviação de shopping center) é utilizado para se referir a um centro comercial ou galeria de lojas, geralmente de grande porte, com estrutura fechada e climatizada, que reúne diversas lojas, praças de alimentação, cinemas etc.

⁵ O próprio termo possui uma ressignificação inventiva da economia popular, um "*Shopping*", só que no *Chão*.

Aqui, temos uma explosão de porcelanas despedaçando-se sob as rodas de um outro. Não porque você derrubou, mas porque o outro destruiu, revelando como determinados corpos são tratados no espaço urbano. Há diferença entre o barulho de uma peça que cai e o de uma peça que é esmagada. A criança começou a chorar, e o homem a abraçou, permanecendo juntos até o pranto cessar. Em silêncio, o homem dobrou o pano, fazendo uma espécie de trouxa, colocou nas costas e partiu com a menina nos braços.

Esta cena pode ser relacionada a partir da noção de *correspondência* de Ingold (2020), como parte de um processo contínuo de interação entre corpos, materiais e ambiente. A materialidade atua não como fundo passivo, mas como elemento ativo que configura as infraestruturas urbanas e os circuitos econômicos populares (Santos, 1979). A escolha do condutor, abrigado em seu carro de classe média, de avançar sobre a lona, ainda que não necessariamente intencional, carrega um forte significado simbólico e uma dimensão profunda de invisibilidade.

Esse breve episódio revela desigualdades e formas de resistência urbana: a destruição da mercadoria e a indiferença do condutor expõem hierarquias sociais, enquanto o gesto do garimpeiro, ao recolher os fragmentos, representa uma persistência digna que desafia a lógica do descarte absoluto da matéria, tema central deste artigo.

Assim, esta investigação analisa os efeitos sociopolíticos da gentrificação e da proibição do Shopping Chão e os circuitos sociomateriais de objetos descartados e recicláveis neste mercado paralelo de segunda mão, focado em práticas de coleta, organização e venda realizadas por garimpeiros urbanos no Rio de Janeiro (Brasil). Essas práticas reconfiguram as infraestruturas urbanas e revelam conflitos entre corpos, objetos e o direito de ocupar a cidade, em confronto com políticas de gentrificação e controle.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de cunho etnográfico, com a coleta de relatos orais, entrevistas semi-estruturadas, uso de diário de campo e diário gráfico, além da produção conjunta de cartografias, entre outras ferramentas metodológicas utilizadas por cada um dos dois autores. Este artigo, portanto, é resultado de uma construção a quatro mãos, que integra nossas

experiências e reflexões comuns. Como nossa escrita é compartilhada, este artigo será redigido, em determinados momentos, na primeira pessoa do singular, e em outros, de forma coletiva⁶.

Este trabalho está estruturado em três seções: a primeira apresentamos conceitos para análise, com destaque à vida pós-descarte dos objetos (Lima, 2021), trazendo os objetos de volta à vida; A segunda parte trabalhamos com uma categoria local do campo de pesquisa, os garimpeiros urbanos; A terceira parte, analisamos a proibição do Shopping-Chão e as resistências diante da transformação do espaço por barracas padronizadas; Por fim, seguimos com as considerações finais.

1. O CICLO DE VIDA DOS OBJETOS: Trazendo os Objetos de Volta à Vida

Onde começa e onde termina a vida de um objeto? Em que momento algo se torna "lixo" ou indesejado? Observa-se que, em determinado ponto, certas materialidades deixam de ser reconhecidas como objetos e perdem seu valor sociomaterial, sendo inseridas em outras ordens e fluxos. Esse trânsito instável levanta questões sobre categorias como trecos, quinquilharias, relíquias e coisas que escapam das definições usuais.

Ao serem deslocados de uma esfera simbólica, como o lar ou a intimidade e tornam-se descarte, esses objetos não deixam de ser matéria, apenas passam a habitar outras condições e espaços. Na economia dos recicláveis, observa-se uma diferença crucial, tendo em vista que muitos desses materiais não chegam a se tornar resíduos formais. Como argumenta Maria Raquel Passos Lima (2021), ao entrar no sistema de gestão urbana dos recicláveis, os objetos deixam uma posição estável e iniciam uma nova fase que pode culminar no despejo final ou tornar-se reciclável. Contudo, nem todas as materialidades seguem esse destino.

⁶ A decisão de desenvolver o trabalho em coautoria surgiu do fato de estarmos inseridos no mesmo campo de pesquisa e compartilharmos interesses temáticos convergentes. Ao longo do processo, dividimos entrevistas, referências bibliográficas e outros materiais etnográficos relevantes, mantendo contato constante por meio de reuniões virtuais, realizadas via Google Meet, para trocar dados, percepções e insights de pesquisa.

A feira livre da Glória possui suas ramificações e divisões, podendo compreendê-la como quatro áreas: a feira dos legumes, verduras, peixe e carne; a feira gastronômica; o shopping chão; e por último, a feira do samba⁷.



Figura : Uma representação do Shopping Chão na Feira da Glória. Fotografia de Taiany Marfetan. 17 de dezembro de 2023.

O foco principal é pensar o shopping-chão, neste ambiente os objetos que seriam descartados são resgatados, organizados e revendidos por valores simbólicos, por exemplo, R\$2, R\$5, R\$10. Vendedores “formais” da feira, que se autodenominam *feirantes*, visitam o local cedo para garimpar peças e revendê-las em suas barracas com outro status e valor. A revalorização é espacial e simbólica, pois, uma blusa vendida por R\$2 pode custar R\$15 ou R\$25 em outra área da feira. Assim, o que era lixo vira brechó, ganha nova narrativa e circularidade. Observa-se que a vida "pós-descarte" (Lima, 2021) é marcada pela indeterminação.

Em 2024, realizamos⁸ uma cartografia que apresenta a organização das lonas do shopping-chão. Vejamos como está organizado este ambiente com a cartografia abaixo:

⁷ Na feira livre da Glória existem dois espaços específicos em que acontecem o samba, tendo em vista que estes espaços possuem grades e separam ele da feira, é necessário compreendê-lo como um espaço dentro da feira, porém que ao mesmo tempo constitui-se por um espaço separado da feira.

⁸ A coleta de dados ocorreu em 1º de dezembro de 2024, por Taiany Marfetan, enquanto a diagramação e edição foram realizadas em 3 de fevereiro de 2025, por João Vítor Velame.

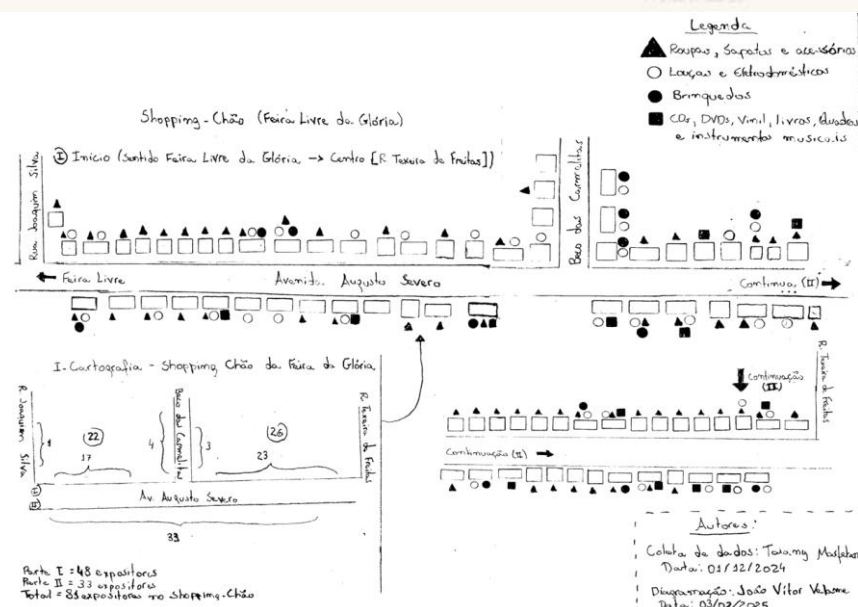


Figura 02: Cartografia do Shopping-chão da Feira Livre da Glória. Acervo: João Vítor Velame e Taiany Marfetan. 2024-2025.

Ao todo, são 81 expositores dispostos ao longo da Avenida Augusto Severo, agrupados em quatro categorias principais: (1) roupas, calçados e acessórios; (2) louças e eletrodomésticos; (3) brinquedos; e (4) mídias, livros e objetos culturais. A tipologia aqui apresentada é mais simbólica, pois muitos expositores mesclam mercadorias. Alguns garimpeiros se especializam em tipos específicos, e os fregueses constroem familiaridade com o território da feira a partir do que pode ser encontrado em cada uma dessas lonas.

Para pensar essas transformações e o ciclo de vida dos objetos, a intenção é refletir sobre sua significância passada e as camadas de afeto que carregam. São objetos com trajetórias interrompidas: brinquedos, utensílios domésticos, roupas, lembranças, memórias etc. Alguns foram guardados, outros esquecidos, muitos descartados em momentos de faxina ou mudança. Permanecem por horas nas calçadas até serem recolhidos por desconhecidos, colecionadores, catadores ou pelos garimpeiros urbanos.

Na feira, expostos em lonas, esses objetos ganham novos donos e novos ciclos. A circulação confere novos sentidos. Tornam-se novamente desejáveis, recontextualizados na trama e redes sociais e materiais da cidade. Esses reaproveitamentos demonstram que o ciclo da materialidade é contínuo: um objeto descartado pode se tornar valioso, depois voltar a ser esquecido e, novamente, resgatado.

A referência recai sobre objetos que cumpriram sua função original e foram descartados por algum motivo — seja por uma peça quebrada, por terem sido substituídos ou por perderem valor emocional ou simbólico. Trata-se de objetos que, um dia, foram desejados e consumidos, mas que, ao perderem seu valor, tornam-se “lixo”.

Cabeças de bonecas, tazos, cartas, brinquedos, roupas, sapatos, camisas, livros e objetos de memória formam esse inventário de coisas esquecidas. Esses objetos ganham novo rumo quando expostos em lonas. Aguardam um novo dono, um novo mediador que os retire e integre a outro ciclo de uso. Dessa forma, esses objetos, ao serem reapropriados, geram novas redes de significados num processo de recontextualização do descarte.

Essa lógica de circulação dialoga com práticas globais. Por exemplo, o fracasso de projetos Chinês com bicicletas e patinetes compartilhados, transformados em "cemitérios de bicicletas"⁹, ilustra o que Nixon (2011) chama de "violência lenta", causando impactos ambientais e sociais diluídos no tempo. Outro exemplo são as roupas do “deserto da moda” do deserto de Atacama¹⁰, que vêm viralizando nas plataformas digitais dentro do comércio da moda, e-commerce (comércio eletrônico) sendo “resgatadas” e vendidas por valores muito superiores, o que parece ser uma agência por uma luta contra estas formas de descarte, e está muito mais voltada a um nicho de fazer capital à custa dos outros.

Essa lógica afeta brinquedos, eletrônicos, roupas e outros bens. Um exemplo claro observado em campo, foi acompanhando um dos garimpeiros, ele se chama Bismarck (Magrinho), ao encontrar um brinquedo Fisher-Price Poppity Elephant (lançado em 2003, porém deixado de circular 2006, criando-se novas versões em 2015 e assim por diante) em uma lixeira da zona sul. Trata-se de um objeto descontinuado, mas com versões relançadas, demonstrando como o mundo capitalista cria ciclos artificiais de desejo e consumo, muitas vezes momentâneos.

Isso nos remete à seguinte pergunta: o que constitui a vida de um objeto? Esta investigação surge da observação de itens dispostos em lonas no shopping chão, pois ali, o valor é reinventado

⁹ Ver Cemitério de bicicletas, na China. Disponível em: <www.mobilize.org.br/noticias/10476/cemiterio-de-bicicletas-na-china.html>. Acesso em 22 de jul de 2025

¹⁰ Ver Atacama: como o majestoso deserto virou um local de descarte de roupas. Disponível em: <www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/2023/04/atacama-como-o-majestoso-deserto-virou-um-local-de-descarte-de-roupas>. Acesso em 22 de jul 20225.

conforme o objeto muda de contexto, tendo em vista que um item pode ser “lixo” pela manhã e desejado à tarde. A seguir, apresento uma cartografia de uma dessas lonas, ilustrando a dinâmica material e simbólica do shopping-chão.

Durante uma das saídas de campo, parei para mapear a lona de Cláudio — um dos principais interlocutores da minha pesquisa — para compreender como os objetos expostos à venda são organizados e agrupados em categorias relacionais, criando uma espécie de bricolagem. A disposição dos itens, ainda que não siga uma rigidez formal, obedece a uma lógica própria, guiada por critérios de semelhança e por imaginários compartilhados que conferem sentido às aproximações entre os objetos.

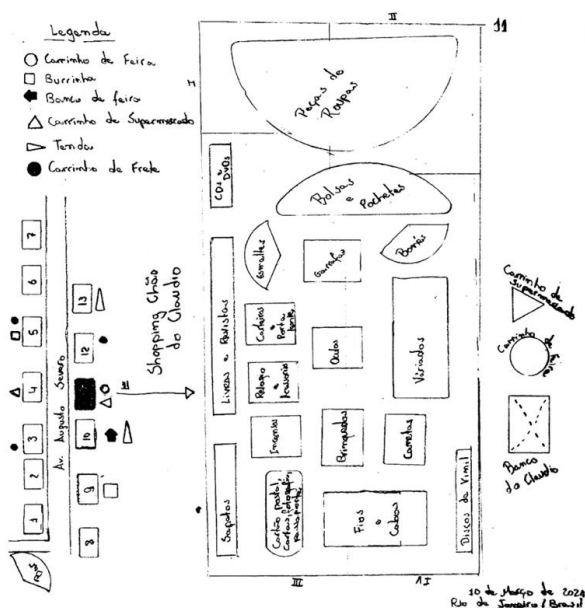


Figura 03: Organização das mercadorias em uma lona do shopping-chão da feira livre da Glória. Acervo de João Vitor Velame, 2024.

No dia 10 de março de 2024, registrei em meu diário de campo a presença de dezoito agrupamentos distintos de mercadorias sobre a lona de Cláudio. Alguns grupos estavam dispostos muito próximos entre si, embora mantivessem características suficientemente distintas que permitiam sua classificação. Trata-se de categorias elaboradas por Cláudio, que se autodenomina garimpeiro e afirma trabalhar “com brechó, com o shopping chão”.

Na parte frontal da lona, destacam-se três grupos organizados de forma a facilitar a visualização e o acesso dos fregueses: (1) sapatos, (2) livros e revistas e (3) CDs e DVDs. Essa estrutura é recorrente em outras lonas, embora com variações na quantidade e diversidade de itens. Os sapatos, alinhados lado a lado, possibilitam a avaliação individual; os livros¹¹, com capas voltadas para cima, expõem títulos e autores, sendo utilizados, inclusive, como objetos decorativos ou cenográficos; já CDs e DVDs aparecem empilhados ou em pequenos montes, o que dificulta sua visualização imediata e exige maior empenho do freguês no processo de seleção.

Logo atrás, identificam-se outros cinco agrupamentos: (1) cartões postais, cartas, fotografias e passaportes; (2) incensos; (3) relógios e acessórios; (4) carteiras e porta-lentes; (5) esmaltes. O primeiro grupo, situado na lateral, convida o freguês a vasculhar fragmentos de memórias alheias, estimulando uma experiência sensível e nostálgica. Cartas, retratos e cartões postais evocam passados que, embora estranhos, produzem conexões afetivas com os compradores, que passam muito tempo observando estes itens.

Neste conjunto, é possível encontrar documentos vencidos, por exemplo: os passaportes perfurados, que permanecem como vestígios da vida privada e suscitam cuidados de preservação ou descarte criterioso. O grupo dos esmaltes, por sua vez, revela a influência do ciclo festivo da cidade: brilhos, purpurinas e cores neon remetem ao carnaval e às transformações estéticas vividas na rua. Como afirma Cláudio, quando relata que “muitos homens vêm para comprar saia, vestido e saem todos fantasiados.”

Mais ao fundo da lona, agrupam-se itens como (1) fios e cabos, (2) brinquedos, (3) óculos, (4) garrafas, (5) canetas, (6) objetos diversos e (7) discos de vinil — estes últimos apoiados no meio-fio. Por fim, o grupo das vestimentas aparece como uma categoria composta por três subgrupos: (1) bonés, (2) bolsas e pochetes e (3) roupas diversas. Essa seção ocupa uma das pontas da lona e permite maior interatividade com os produtos, pois os clientes se aproximam, agacham, pegam em suas mãos cada peça e se aglomeram, ali conversam e interagem sobre as peças e sobre

¹¹ É interessante observar que esses itens, como livros, são vendidos por R\$ 2 ou R\$ 5 — exemplares que, em livrarias, custariam R\$ 50 ou até R\$ 100, especialmente best-sellers que já saíram do circuito principal de consumo. Essa forma de comercialização pode ser compreendida também como um modo de acesso à cultura e ao lazer.

suas rotinas. A disposição favorece uma relação corporal mais intensa, distinta da mediação constante de Cláudio nos demais setores.

A seguir, buscamos compreender a categoria local de “garimpeiro urbano” a partir de uma imersão neste universo junto a Bismark (conhecido como Magrinho), que possui seu shopping-chão do outro lado da calçada, em frente ao ponto ocupado por Cláudio.

2 A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE LOCAL: Os Garimpeiros Urbanos

O *garimpo urbano* é a prática de procurar objetos descartados em lixeiras e outros espaços urbanos que, embora percam valor para a maioria, ainda podem ser recuperados, reciclados ou revendidos por garimpeiros. Trata-se de trabalhadores autônomos que resgatam esses materiais para reinseri-los no ciclo econômico informal. Como relata Bismark Souza (Magrinho), o termo “garimpo” remete ao garimpo tradicional, como o de Serra Pelada¹², mas, neste caso, a busca é por “pepitas de ouro” no lixo urbano. A palavra “garimpeiro”, trazida do século XVIII e ligada inicialmente à mineração ilegal, tem também conotações atuais nas dinâmicas urbanas.

Pricilla Loretta Tavares (2010) em sua investigação sobre a valorização de objetos a partir da feira de Antiguidade da Praça XV, ressalta como está categoria aparece em seu campo de pesquisa, tendo em vista que:

a expressão “garimpeiro” é usada para definir aqueles que procuram objetos valiosos em meio à toda sorte de coisas, mas mais precisamente em referência a objetos de valor encontrado nos lixos urbanos. “Garimpeiro” é uma categoria nativa bastante utilizada por todos os expositores da “Feira de Antiguidades Da Praça XV”, numa clara analogia à prática de exploração de um terreno de onde se visa extrair metais preciosos. (Tavares, p. 16, 2010).

Em campos distintos, a mesma categoria reaparece com o mesmo significado. Desta forma, realizar a atividade de garimpo urbano é comum em cidades como o Rio de Janeiro (RJ), deve ser distinguida do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, que possuem objetivos diferentes, apesar de ambos recolherem materiais descartados, são ciclos e propósitos distintos. Os

¹² Ver Serra Pelada foi o maior garimpo a céu aberto nos anos 80. Disponível em: <ibram.org.br/noticia/serra-pelada-foi-o-maior-garimpo-a-ceu-aberto-nos-anos-80/>. Acesso 22 de jul de 2025

garimpeiros urbanos exemplificam a criatividade e adaptabilidade diante do descarte, transformando resíduos em fontes de renda e revalorização econômica em mercados paralelos.

Uma questão importante de ressaltar é a própria identidade¹³ e formas de identificação sobre si e sobre o grupo que pratica este tipo de atividade, tendo em vista que está longe de ser uma categoria imutável; a identidade emerge nas múltiplas formas de nomeação que os trabalhadores do Shopping-Chão atribuem a si mesmos. Poucos se reconhecem como “feirantes” de forma plena e contínua, embora acionem essa identidade estrategicamente em contextos de disputa e negociação política, como veremos na próxima parte deste artigo.

Essa oscilação revela que a identidade não é fixa, mas relacional e situada. Eles se autodenominam como “brecholeira”, “garimpeiro urbano” ou “ambulante” para falar sobre si, e coexistem, se sobrepõem e se alternam conforme as circunstâncias. Vale ressaltar que, para a maioria, o Shopping-Chão não é a única fonte de renda. A pluralidade de ocupações durante a semana, entre o trabalho doméstico, os bicos e a venda informal, reforça essa fluidez identitária, marcada mais por trajetórias híbridas e práticas populares do que por pertencimentos estáveis.

Muitos também marcam presença na Feira da Praça XV de Novembro, aos sábados. Trata-se de uma feira que possui uma tipologia específica entre antiguidades e um número enorme de garimpeiros que se estende até a Praça Marechal Âncora, onde está localizado o Monumento ao marinheiro João Cândido. Esses deslocamentos compõem um circuito informal, instável e itinerante, sustentado por corpos, lonas, carrinhos, gestos e objetos. E, sobretudo, por uma performance urbana, na “criação de arenas culturais populares” (Garcés, p. 252, 2019) presente nas gírias, no falar, no movimento, no saber seus direitos, entre outras formas de habitar mundos urbanos populares.

O arquiteto carioca, Luiz Carlos Toledo (2009) destaca a importância dessa prática para a cidade, que retira do lixo o que ainda tem serventia, constituindo uma atividade contínua e sustentável, que não consome mais energia que o esforço dos próprios garimpeiros. No contexto contemporâneo, “garimpar” também é usado no universo dos brechós para designar a busca por

¹³ Sobre identidade étnica e multiculturalismo, utilizamos da discussão proposta por Roberto Cardoso de Oliveira (2006).

roupas de segunda mão, adotada especialmente por jovens como prática estética e identitária, embora distante do conceito de garimpo urbano aqui discutido. Outro exemplo de coleta é o dos “caçadores de tesouros”, que utilizam detectores de metais em praias, uma prática paralela à do garimpo urbano.

Na dissertação de Gama (2015), os garimpeiros urbanos são descritos como trabalhadores precários que buscam resíduos sólidos de valor no mercado, submetidos à lógica comercial por peça, semelhante à dinâmica dos garimpeiros tradicionais que enfrentam riscos em busca de pedras preciosas.

Bismark, garimpeiro carioca, ressalta o conhecimento espacial e relacional desenvolvido nessa prática, pois “tem lugares que cai coisa boa, tem lugares que não cai nada. Então você tem que andar bastante e conhecer as rotas onde acha coisa boa.” (relato de Bismarck, 2024). Dada a complexidade e ambiguidade da categoria, vamos ver a partir de uma imersão etnográfica no mundo dos garimpeiros com descrição de um dia de garimpo com Bismark (Magrinho), para melhor compreender essa prática na vida urbana.

Em uma tarde nublada de uma segunda-feira, no dia 29 de julho de 2024, eu¹⁴ fui de bicicleta ao encontro com Magrinho. Saí de minha residência, situada no bairro de Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro, às 16h, e cheguei à Lapa, zona central, por volta das 17h. Esperei por Magrinho em frente à sua casa, localizada nas proximidades da “A Grande Loucura”, a Escadaria do Convento, com a obra do pintor e ceramista chileno Jorge Selarón, a qual foi tombada como patrimônio da cidade do Rio de Janeiro. Próximo a essa região também estão localizados os Arcos da Lapa.

Havíamos agendado o encontro para as 17h, mas houve um atraso, pois Magrinho ainda trabalhava em sua loja de conserto de celular, a “Loja do Magrinho”, localizada na Uruguaiana. A proposta era acompanhar mais uma noite de garimpo nos bairros do Flamengo, Botafogo e Humaitá, que se situam na zona sul do Rio de Janeiro, a área mais nobre das regiões da cidade. Para isso, utilizamos bicicletas. Em duas rodas, circulamos por diferentes espacialidades da cidade.

¹⁴ Eu, João Vítor Velame.

Seguimos pelas vias principais, compartilhando o espaço com carros, ônibus e motos, já que não há ciclovia no trajeto.

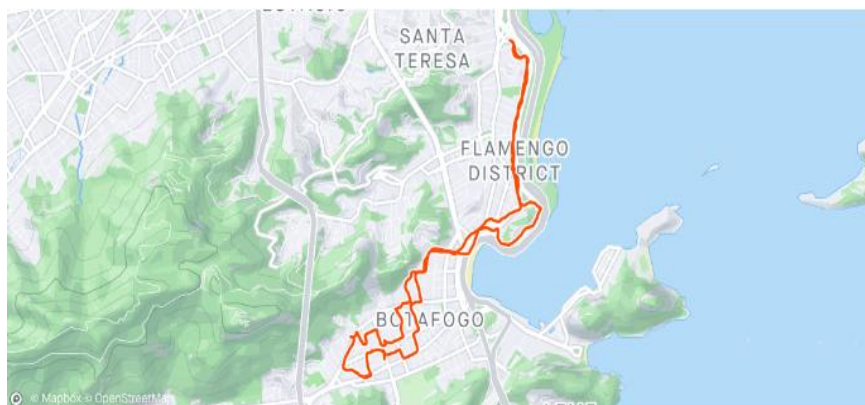


Figura 4: Rotas percorridas durante o Garimpo, utilizando o aplicativo Strava¹⁵ para rastrear a atividade. Acervo: João Vítor Velame. 2024.

Durante o percurso, Magrinho explicou como funciona a dinâmica do garimpo, destacando a atenção necessária para os dias em que o lixo “cai”, isto é, os dias da semana em que ocorre a coleta nestes bairros:

[...] O lixo começa a cair às 18:00 aqui no Flamengo. Vou te dar um exemplo: vou ter que sair daqui 17:30, 17:00 e pouco. Aí tu vai, vai andando ou vai de bike. E vai andando, vai andando pela rua; o lixo começa a cair, vai caindo, vai mexendo. Quando dá 19:30 para 20:00 o caminhão já começa a passar. O caminhão começa a passar. É, no caso, se você tá numa rua mexendo no lixo e você vê que o caminhão tá vindo lá embaixo, eu tenho que passar para outra rua, porque o caminhão vai passar, ele vai recolher. Ou então você tem que ir rápido, tem que mexer rápido antes do caminhão passar; porque se ele passar, você não consegue pegar mais nada, que ele vai na tua frente. (*Relato de Bismarck (Magrinho)*, 2024)

Magrinho destaca que conhecer bem as rotas é crucial. Algumas áreas oferecem mais itens valiosos do que outras, e esse mapeamento só é possível pela experiência prática. Destaca que é comum mudar de área quando um local não está gerando bons resultados. Outro ponto fundamental é conhecer os horários da coleta da Companhia Municipal de Limpeza Urbana

¹⁵ O Strava é um aplicativo utilizado por esportistas, projetado para rastrear atividades físicas e promover a socialização entre os usuários. Com este aplicativo é possível registrar segmentos, acompanhar distâncias, velocidades e rotas etc.

(Comlurb¹⁶), criada a partir da transformação da CELURB (Companhia Estadual de Limpeza Urbana), pelo Decreto-lei nº 102, de 15 de maio de 1975. Trata-se da maior organização de limpeza pública da América Latina.

Saber os horários de descarte e passagem dos caminhões é fundamental para aproveitar melhor as oportunidades durante a coleta. O site da Comlurb permite consultar os roteiros de coleta por logradouro. Exemplos: Segunda, das 16h às 00h: Flamengo; Terça, das 07h às 15h: Botafogo; Quarta, das 16h às 00h: Humaitá.

Iniciamos nossa pedalada na Rua do Russel em direção à Praia do Flamengo, passando pela Praça Luís de Camões, Praça Juarez Alvorada e pela fachada do Palácio do Catete. Durante o trajeto, conversamos brevemente sobre a semana, o trabalho, a universidade, a feira livre, e até sobre o tempo instável, pois parecia que ia chover, o que poderia dificultar o percurso.

Magrinho usava roupas pretas, um casaco corta-vento, camisa, bermuda e tênis esportivo da marca Nike. Eu vestia bermuda azul, blusa vermelha, corta-vento cinza, tênis esportivo azul e mochila pequena azul, de uma marca menos conhecida. É interessante pensar na vestimenta como uma linguagem para o trabalho ali desempenhado, principalmente como uma forma que se distingue de outros grupos que realizam atividades similares.

Ao longo do caminho, encontramos diversas pessoas conhecidas do circuito da feira livre: um rapaz com um carrinho de coleta de metal de duas rodas; um homem com uma *burrinha* e um senhor com um carrinho acoplado à bicicleta, onde um homem estava sentado na parte de dentro do carrinhos, eles realizam o garimpo juntos. Magrinho cumprimentou várias pessoas ao longo do percurso, revelando a rede social tecida nesse mundo do garimpo. E também encontramos Cláudio, com sua mala de viagem, utilizada para realizar o garimpo, pois assim pode ir de ônibus até outros bairros e coletar, e isso se dá principalmente pela sua idade.

O objetivo até aqui foi apresentar algumas reflexões em torno da vida pós-descarte, o trabalho dos garimpeiros e a categoria de “garimpo urbano”. Alguns dias depois desta saída de campo, iniciou-se o conflito com a esfera pública municipal, uma vez que esse grupo de

¹⁶ Janeiro, Prefeitura do Rio de. 2021. “Conheça a Comlurb.” Acesso em 29 de janeiro de 2025. Disponível em <<https://www.rio.rj.gov.br/web/comlurb>>.

trabalhadores da Feira da Glória estava sofrendo ameaças do local onde trabalham, o Shopping-Chão, para ser retirado da feira. Seguiremos agora para a terceira seção deste artigo.

3 DISPUTAS TERRITORIAIS E DE LEGITIMIDADE: Fica, Shopping Chão!

“Vocês precisam se organizar para tirar a licença¹⁷!” — disse um fiscal da SEOP no dia 04 de agosto de 2024, ao proibir que os trabalhadores do Shopping Chão permanecessem no espaço da Feira da Glória. Foi com essa frase, seca e administrativa, que se iniciou um novo capítulo na disputa pelo direito à cidade (Lefebvre, 2001), protagonizado por mulheres e homens, majoritariamente negros, de origem periférica, que há mais de uma década sustentam suas vidas ali, no chão da feira.

Naquele dia, eu¹⁸ ainda não havia me fixado em um ponto específico da feira. Estava em deslocamento, aprendendo a flunar, como ensinou João do Rio (1995). Foi então que decidi acompanhar os fiscais da SEOP em sua ação, tratando-se de uma operação de exclusão dirigida justamente à parte mais precarizada da feira: o Shopping-Chão.

É possível compreender esse espaço como uma forma de “contra-uso” (Leite, 2002) da Feira Livre da Glória, uma vez que essa parte da feira é expressão de uma economia visivelmente marcada pela exteriorização de conflitos e discordâncias sobre quem pode ou não ocupar a cidade e os circuitos inferiores da economia (Santos, 1979).

Ao acompanhar essa movimentação, fui interpelada por uma mulher que trabalhava ali há 13 anos. “Sou brasileira e não desisto nunca”, disse ela, enquanto recolhia suas mercadorias, e continuou dizendo, “hoje eu tiro tudo daqui, mas semana que vem eu volto.” E voltou. Eu também. Reencontrei com ela no mesmo ponto da feira, agora acompanhada de outra trabalhadora e da filha adolescente, empenhadas na elaboração de um abaixo-assinado em defesa da permanência do espaço.

¹⁷ Referindo-se à licença TUAP.

¹⁸ *Eu*, Taiany Marfetan.

Uma folha de papel e uma caneta em mãos: ali nascia um grande gesto de resistência — coletiva, improvisada e profundamente enraizada na vida urbana. Assim, em resposta à operação, os trabalhadores redigiram um abaixo-assinado, no qual montaram uma comissão, e apontaram:

No dia 04 de agosto de 2024 os feirantes da feira da Glória, que ocorre todo domingo na Rua Augusto Severo, Glória, Rio de Janeiro, foram surpreendidos pelo Choque de Ordem, devido a uma denúncia anônima relatando que a feira obstrui a passagem de carros, o que não é verdade. Pois na feira passam carros, vans e até caminhões. Temos fotos comprovando que a obstrução ocorre entre a Rua Augusto Severo e o Beco do Rato, e não na feira. Essa feira existe há mais de 10 anos, e se tornou tradição no bairro da Glória. Mais de 80% dos feirantes trabalham com a reutilização de materiais coletados em garimpos e também doações; com roupas, calçados, objetos de antiguidades, etc. Materiais estes que são vendidos para complementar a renda de muitos ou até mesmo é a principal fonte de renda para a maioria das famílias que trabalham nela. (Abaixo-assinado da comissão de representantes, formado por três mulheres, 10 de agosto de 2024)

O abaixo-assinado contesta a justificativa oficial da operação do Choque de Ordem, a qual no começo afirmava que o problema era a obstrução viária. Os feirantes defendem a legitimidade e a tradição do espaço, ressaltando seu papel como fonte de sustento baseada na reutilização de materiais descartados e doados.

Voltemos à ordem do fiscal: “você precisam se organizar para tirar a licença!” Essa fala supõe uma forma legítima e padronizada de organização urbana, conhecida também como “choque de ordem” — uma tecnopolítica voltada ao controle e à organização do espaço público, implementada principalmente na cidade do Rio de Janeiro em 2009, durante a gestão de Eduardo Paes (que é o atual Prefeito da cidade), com o objetivo de promover uma imagem de cidade moderna, limpa e segura. No entanto, essa política produz exclusão social e espacial sob o véu da legalidade.

A coleta de assinaturas, os diálogos e as redes construídas pelas mulheres da feira são uma forma de organização urbana também, que se contrapõe diretamente ao modelo de cidade que a prefeitura intenta produzir, uma vez que atua “de cima para baixo”, como relatado por Pedro, Presidente de uma das associações de moradores do Bairro da Glória e importante interlocutor da pesquisa.

Ao mencionar que precisavam se organizar, foi exatamente o que duas principais interlocutoras ao longo da pesquisa de campo fizeram — mas não da forma como a prefeitura

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

esperava. Organizaram-se de acordo com as próprias regras e convivências da rua. Afinal, existe uma organização específica para essas formas de informalidade, pois constroem-se lógicas próprias, muitas vezes vistas como desordem. No entanto, há toda uma estrutura que não é visível (ou que não quer ser notada) pelo poder público.

A interlocutora — aquela que “não desiste nunca” — procurou apoio político. Chegou até Maria dos Camelôs¹⁹, ativista pelo direito à cidade e ao trabalho informal, organizadora do MUCA (Movimento Unido dos Camelôs). No dia 25 de agosto de 2024, um ato pela permanência do Shopping-Chão foi realizado na feira, no qual participamos ativamente fazendo os registros fotográficos²⁰ e acompanhando as discussões e tensões daquele dia.

O ato aconteceu do meio do Shopping-Chão até a primeira metade da feira; reuniu aproximadamente 15 a 20 pessoas, em sua grande maioria, para não dizermos todas, eram mulheres. Carregavam cartazes com frases de efeito, tais como: “Libera Shopping Chão”; “Liberem o Shopping Chão! Shopping Chão é Cultura Popular”; “Camelô é trabalho”; “Shopping Chão é Cultura Popular! Queremos Trabalhar”, etc.



¹⁹ Nesta época, em meio às campanhas eleitorais de 2024, Maria era também candidata a vereadora pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade).

²⁰ Os registros fotográficos foram realizados pelo antropólogo visual Alejandro Escobar, doutorando no PPGA do Museu Nacional - Rio de Janeiro-RJ. Interessante ressaltar que as imagens foram compartilhadas com o grupo, para que pudessem utilizá-las da melhor maneira e em pro da situação que se encontravam.



Figura 04: Passeata “Fica, Shopping Chão”. Fotografia de Alejandro Escobar. 2024.

No mesmo dia, em sua página no Instagram²¹, Maria dos Camelôs escreveu:

DIAS DE LUTA, DIAS DE GLÓRIA: Hoje foi um dia de luta com os trabalhadores e militantes na Feira da Glória. O apoio dos cidadãos cariocas é evidente, especialmente quando, ao contrário da gestão pública, reconhecem o valor ecológico, cultural e econômico desse trabalho. Não vamos recuar! O Shopping Chão vai continuar, e seguimos fortalecendo esse movimento nas ruas!

A mobilização foi de pequeno porte, porém surtiu efeito. Uma autorização provisória foi concedida para permanência até o fim de 2024. Mas, em janeiro de 2025, a repressão retornou de forma mais dura. Na madrugada de 12 de janeiro de 2025, a Subprefeitura do Centro, junto à SEOP, CCU e SUBOP, interditou novamente o espaço.

Nas redes sociais institucionais, a operação foi celebrada como uma ação de “ordenamento urbano” que impediu a “extensão irregular da feira”, onde se comercializavam produtos de “procedência duvidosa”, supostamente furtados ou retirados do lixo.



²¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/mariadoscamelos?igsh=aXR3M3RjMnZhcXBi> Acesso em: 26 jan. 2025.

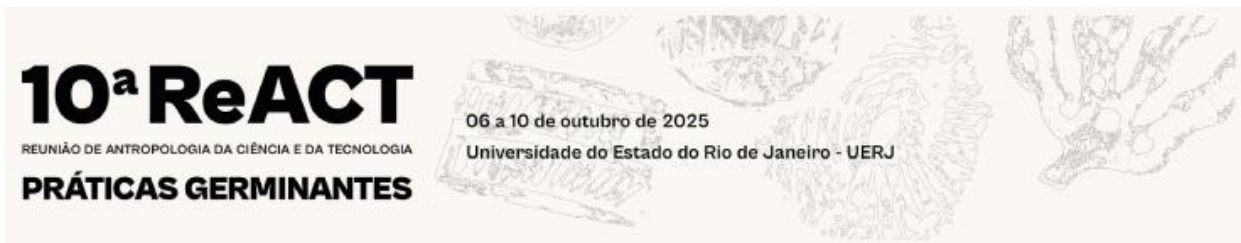


Figura 05: Imagem publicada na página do Instagram²² da Subprefeitura do Centro do Rio de Janeiro. Representantes da SEOP proibindo a montagem do Shopping Chão na Feira da Glória, no dia 12 de janeiro de 2025.

A imagem acima mostra um grupo de 16 homens enfileirados em pé, ocupando toda a largura da Avenida Augusto Severo. Usam uniformes e estão com crachás pendurados no pescoço. Estão posicionados de frente para a câmera, com expressões sérias e postura corporal de firmeza, vigilância e autoridade. Vale destacar o simbolismo do poder disciplinar encarnado nos corpos dos agentes. Junto com a imagem, segue a seguinte legenda:

O trabalho nunca para! Na madrugada deste domingo (12/01), a Subprefeitura do Centro realizou uma ação de ordenamento urbano na Glória, junto com a SEOP, CCU e SUBOP, especificamente no início da Feira da Glória, na Av. Augusto Severo, em direção ao bairro da Lapa. A iniciativa evitou a montagem da extensão irregular da feira, mais conhecida como “Shopping-Chão”, onde são comercializados produtos sem procedência. Isso porque esses materiais são, muitas vezes, oriundos de furtos, roubos ou até mesmo retirados do lixo. Com a atuação, garantimos a segurança e o ordenamento para que a maior feira da América Latina aconteça de forma mais organizada. Ainda pela manhã, a equipe da SubCentro foi surpreendida com um incêndio na Rua Uruguaiana, que atingiu os boxes do Mercado Popular. Estivemos presentes para atuar no local e minimizar os riscos, além de prestar apoio aos comerciantes. [...]

A imagem e a descrição em questão revelam, em sua composição e conteúdo, uma operação simbólica de poder sobre o espaço urbano. Esses corpos uniformizados materializam aquilo que Michel Foucault (1975) definiu como poder disciplinar — um modelo de gestão que atua por meio da visibilidade, da normatização e do controle dos sujeitos. Ao se posicionarem no centro da via pública, esses agentes não apenas interrompem e obstruem o fluxo urbano, mas também produzem uma cena de soberania sobre o território.

Dessa forma, esta imagem está longe de ser neutra. Ela funciona como um dispositivo, participando ativamente da construção de uma verdade sobre a cidade. Uma verdade que associa modernidade à ordem, segurança à limpeza e controle à legitimidade, assim como define quem pode ou não pode estar ali. A repressão ao Shopping Chão, nesse contexto, não se resume à retirada

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/subcentro.rio?igsh=djJoeGgzeDBrc3Uy> Acesso em: 26 jan. 2025.

de mercadorias ou dos garimpeiros. Trata-se de uma tecnologia de gestão dos espaços e dos corpos, que busca excluir certas formas de vida em nome de um ideal urbano.

Ao classificar os produtos do Shopping Chão como “sem procedência” ou oriundos do lixo ou do furto, o discurso institucional não criminaliza apenas a prática, mas, sobretudo, os corpos que a realizam. O mesmo objeto — um sapato usado, um livro antigo — pode ser valorizado se vendido numa loja vintage, por um influenciador digital ou mesmo em outra parte da própria feira. No entanto, nas mãos do garimpeiro urbano, esse objeto se transforma em símbolo de sujeira, perigo e desordem (Douglas, 2014 [1985]) e até mesmo da ilegalidade²³.

A presença dos agentes e a estética dessa imagem, portanto, revelam mais do que uma ação de fiscalização. Revelam uma política dos corpos e dos espaços, um regime de visibilidade e invisibilidade, de legitimidade e exclusão. A rua torna-se um campo de disputa não apenas material, mas simbólico. Afinal, quem pode ocupar o espaço público? Quem deve ser retirado? Quem define o que é lixo, o que é mercadoria — e, em última instância, o que é cidade?

As categorias de “furto” e “lixo”, ainda que distintas e até opostas em suas origens, são colocadas sob a mesma rubrica de ilegalidade quando associadas a esses trabalhadores informais. No entanto, vale destacar que isso não é uma questão de materialidade, mas de quem manipula os objetos. Hoje, existem aplicativos para revenda de objetos usados, além de pessoas que encontram itens no lixo, reformam e os comercializam em plataformas digitais — práticas celebradas como sustentáveis ou criativas.

Então, o que define a fronteira entre legal e ilegal? Qual é o limite do lixo — e de quem pode transformá-lo? Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, muitos se orgulham de mobiliar suas casas com itens achados nas ruas. Há, inclusive, comércio formal de objetos esquecidos em aeroportos ou apreendidos pelo Estado. O que muda, aqui, é o corpo que comercializa. O lixo torna-se mais “lixo” dependendo de quem o manuseia.

²³ Discurso analisado por Pires (2017) para justificar a manutenção da condição de “margem” para determinados atores sociais na cidade do Rio de Janeiro, notadamente os denominados camelôs.

No mesmo dia dessa operação, uma influenciadora digital²⁴ publicou um vídeo na página “O que fazer no Rio²⁵”, com a legenda: “É o fim do Shopping Chão? – Feira da Glória”. O vídeo viralizou, alcançando mais de 6 mil curtidas e quase 500 comentários. Embora a influenciadora evitasse se posicionar diretamente, o tom do vídeo revelava perplexidade ao percorrer a feira e questionar, “para onde foram esses trabalhadores?”

Na sequência, filma um grupo vendendo roupas e acessórios em outro ponto da Rua da Glória, situada acima da Avenida Augusto Severo. Uma brecholeira comenta no post, e o comentário é fixado pela página, descrevendo o cotidiano do Shopping Chão com precisão — em total contraste com a narrativa da prefeitura. Vejamos:

Boa tarde! Sou trabalhadora do Shopping Chão e digo com propriedade que ali não tem fruto de roubo. São trabalhadores, sim! São roupas, antiguidades e muitas quinquilharias, livros... Inclusive gringo adora comprar lá, eles amam o Shopping Chão! Ano passado já tinham aberto um protocolo na prefeitura para a liberação do Shopping Chão. Diziam que queriam organizar, mas é mentira! Estávamos dispostos a fazer isso... Escutamos falar que está prevista uma feira gourmet ali, que serão por volta de 70 barracas QUE JÁ ESTÃO COM VAGAS PREENCHIDAS! Mas como, se já fomos algumas vezes e não conseguimos licença? Gente trabalhando há 13 anos ali... Por fim, jogo de interesses da prefeitura para ganhar mais e mais dinheiro, afetando os menos favorecidos como sempre! Não se enganem!!! Já fomos, inclusive, essa semana novamente ao CCU e novamente não tivemos respostas. Apenas disseram que ainda irão verificar. Não sabem informar por que tiraram, não sabem informar como ficarão os trabalhadores! Temos apoio, inclusive, da associação de moradores da Glória! *(Relato de uma trabalhadora do Shopping Chão no post da Página “O que fazer no Rio” do Instagram, 12 de janeiro de 2025)*

Observa-se que este relato, em resposta à repressão ocorrida, revela as camadas de conflito envolvidas na reconfiguração do espaço. Com um viés de denúncia, expõe a falsa promessa de regularização e a substituição planejada ou “gourmetizada²⁶” da feira por uma “feira gourmet”, cujas barracas já estariam previamente destinadas.

²⁴ Trata-se de uma pessoa que produz conteúdo em plataformas digitais, como Instagram, YouTube, TikTok, Twitter/X, etc. termo surgiu nos anos 2000.

²⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/oquefazernorio?igsh=NHhjdXc0d3g4eWlt> Acesso em: 26 jan. 2025.

²⁶ A palavra gourmet é de origem francesa, designada para pessoas com conhecimento e gosto refinado por vinhos (aprendiz de sommelier) e gastronomia. Segundo o dicionário Larousse: Gourmet (nom masculin): Personne qui a le goût très développé pour les mets de qualité, et qui sait les apprécier. No caso mencionado no relato, pode-se compreender o “gourmet” em uma tonalidade que indica uma espécie de gentrificação simbólica, isto é, tornando-se uma hiper valorização de alimentos populares ou de manifestações culturais que tenta-se distinguir de classes sociais populares.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

A ausência de respostas da prefeitura, somada à longa trajetória de alguns trabalhadores no local, evidencia um processo de exclusão marcado por interesses econômicos e narrativas de criminalização. Essa disputa pela permanência neste espaço não se resume à ocupação de um trecho da feira, mas simboliza o tensionamento entre projetos de cidade e políticas de gentrificação. Por um lado, a mercantilização higienizada do espaço urbano; por outro, a resistência de práticas sustentadas por coletividade, memória, lutas sociais e a própria atividade do garimpo urbano.

Como resposta à repressão, foi criado um grupo no WhatsApp chamado “Volta Shopping Chão”, onde trabalhadores, moradores e ativistas passaram a se articular. No dia 15 de janeiro de 2025, fomos juntos ao CCU: eu, como pesquisadora; um morador e representante da associação da Glória; e duas advogadas do MUCA. Não obtivemos respostas. O representante municipal alegou estar no início do mandato, mencionou mudanças na gestão e sugeriu, genericamente, que a ação da SEOP poderia ter sido motivada por reclamações de moradores.



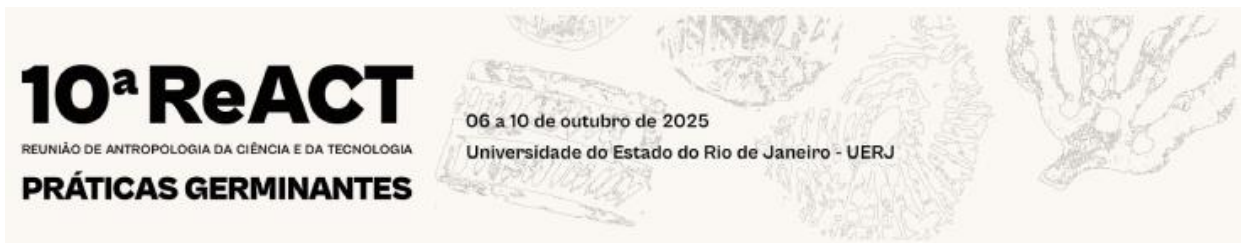


Figura 06: Trabalhadores do Shopping Chão buscando sua licença e permanência na Feira da Glória, no CCU da Prefeitura do Rio de Janeiro, no dia 15 de janeiro de 2025. Fotografia de Taiany Marfetan, 15 de janeiro de 2025.

Uma das advogadas pressionou pela marcação de uma nova reunião. Foi acordada a data de 23 de janeiro de 2025. Enquanto isso, a proibição seguiria vigente. Havia a promessa de um novo ato. Mas o ato não aconteceu. Nos bastidores da feira, surgiam dissensos. Algumas pessoas não queriam mais a mediação de Maria dos Camelôs. Um novo grupo foi criado. Outros caminhos de negociação se abriram — mais silenciosos, mais individualizados. Um dos trabalhadores, com vínculos com a subprefeitura, articulou diretamente com o poder público uma reconfiguração do espaço.

Assim, o Shopping Chão deixou de “existir” — com muitas aspas. Porque o que se extingue ali, naquele trecho da feira, não desaparece, apenas se desloca, se transforma, assume outras formas. Essa prática está profundamente enraizada nas dinâmicas urbanas da América Latina, onde o trabalho informal é parte estrutural das economias populares. Pode mudar de nome, de lugar ou de aparência; pode ganhar novos sentidos e valores. Mas eliminar completamente essa prática dos mundos urbanos populares é quase impossível — sobretudo em um país marcado por desigualdades históricas como o Brasil. Enquanto persistirem os abismos sociais e econômicos, essas formas de trabalho e sobrevivência continuarão a emergir, se reinventar e ocupar a cidade por outras vias.

Em seu lugar, instituiu-se a chamada “ponta da feira” — uma nova configuração, com aluguel de barracas (no início, custava R\$30; depois, passou para R\$40 por domingo, mais R\$10 da “segurança” — novamente, com muitas aspas). O uso de lonas no chão passou a ser proibido. A materialidade do espaço foi transformada, assim como a composição dos sujeitos presentes.

É importante ressaltar que o novo nome atribuído, “ponta da feira” — não é neutro. Ao renomear o antigo Shopping Chão, apaga-se a memória da luta, da circulação informal e da economia do garimpo urbano que ali se praticava. O termo “ponta” sugere margem, periferia, um lugar à parte e menos importante dentro da totalidade da feira.

Essa nomeação opera como um gesto simbólico de domesticação do espaço, principalmente tendo em vista que ele continua existindo fisicamente, mas agora sob outro nome, lógica e forma de controle. Assim, ao mesmo tempo em que parece reconhecer esse trecho como parte da feira, o novo nome reconfigura sua legitimidade, dilui sua história e desativa a potência política que o nome “Shopping Chão” carregava enquanto território de resistência, circulação e reinvenção urbana.

Essa mudança fez com que muitos dos antigos trabalhadores fossem deslocados. Algumas pessoas, por exemplo, passaram a vender na Rua do Riachuelo, na Lapa. Já uma das vendedoras, por sua vez, permaneceu. Pagava pela barraca, mas, em momentos estratégicos, abria sua lona no chão. “Ele finge que não vê”, disse ela, referindo-se ao responsável pela organização da “ponta da feira”. Em sua casa, no bairro do Catete, nos relatou: “Fico ali quieta. Ele me trata com muita intimidade, então eu me faço de desentendida. Faço do meu jeito.”

Essa forma de resistência — discreta, improvisada, corporal — revela o modo como a cidade é constantemente reinventada por seus habitantes. Mesmo diante de proibições, tarifas e discursos de criminalização, há quem insista. Há quem permaneça.

A cidade, afinal, também se constrói no chão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ir à feira é, muitas vezes, um gesto simples do cotidiano, fazer uma lista com os produtos para serem adquiridos: frutas, verduras, peixe, carne fresca, temperos etc. Mas, como a própria vida, a feira nunca se deixa capturar por completo; cada pessoa está ali com suas subjetividades. Há sempre o imprevisto, o desvio, o encontro não planejado; sempre comprando uma coisinha a mais, ou “demorei para chegar pois...” passei no Samba, no Shopping-Chão, no Beco do Rato, na barraca de pastel, das flores, encontrei com aquele amigo que não via a anos, e assim por diante...

Da mesma forma, gostaríamos, talvez como antropólogos, que a pesquisa seguisse um roteiro preciso, com começo, meio e fim. No entanto, o campo nos exige abertura ao imponderável, com os ritmos da vida social e política, e disposição para acompanhar transformações que, embora silenciosas, são profundamente significativas. Pesquisar em uma

feira, especialmente numa feira com a magnitude como a da Glória, é uma experiência que exige tempo, escuta, convivência. Assim como se faz feira, faz-se campo.

Aos poucos, pelas bordas, entre conversas soltas, de barraca em barraca, de lona em lona, e observações minuciosas, realizamos nossas descrições. Afinal, a antropologia se debruça sobre a vida. E nosso campo é a vida urbana — sobretudo no Rio de Janeiro — feita de rupturas, remendos, resistências periféricas, desigualdades e outras formas de repensar mundos populares urbanos.

Recentemente, tivemos o reconhecimento da Feira da Glória como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial²⁷. Sem dúvida, um marco relevante. Esse reconhecimento institucionaliza o valor simbólico de um espaço forjado por décadas de práticas culturais, trocas econômicas, saberes locais e modos diversos de ocupar e imaginar a cidade.

No entanto, a patrimonialização não é um processo isento de disputas políticas e de dinâmicas de gentrificação. Ao mesmo tempo em que celebra a feira como um ícone da cultura carioca, o poder público promove ações de repressão e ordenamento que exclui justamente aqueles que a constroem cotidianamente: os trabalhadores informais, garimpeiros urbanos, brecholeiras, migrantes, artistas de rua e comerciantes ambulantes.

Quando estes grupos são impedidos de montar suas barracas (muitas vezes sem aviso prévio), isso evidencia o paradoxo entre o reconhecimento simbólico e a exclusão material. A justificativa do “ordenamento urbano” expressa uma lógica de gestão que prioriza uma determinada estética, controle e exclusão acerca de quem (e o que) pode ou não estar ali.

Diante disso, cabe perguntar: Quem faz, afinal, a cultura da cidade? A experiência da Feira da Glória nos leva a repensar o que está em jogo nas políticas de gentrificação urbana. É fundamental compreender que aquilo que se extingue em um ponto da cidade não desaparece: desloca-se, reinventa-se, ressurgue por outras vias. Apoiamos-nos na ideia de que o trabalho informal, estruturante das economias populares na América Latina, não é facilmente eliminado.

²⁷ De acordo com o Projeto de Lei nº 3123/2024. Disponível em: <https://aplicnt.camara.rj.gov.br/apl/Legislativos/scpro2124.nsf/a6cd246684502db90325863200569384/e10299e6ce3de93f03258b11005ff296?OpenDocument&Start=1&Count=100&Collapse=1.1.1> Acesso em: 24 jul. 2025.

Ele muda de nome, de forma, de lugar — mas resiste, enquanto persistirem as desigualdades sociais que marcam nossas cidades.

Em suma, este trabalho etnográfico buscou acompanhar de perto os efeitos sociopolíticos da gentrificação sobre o “shopping-chão” da Feira da Glória, espaço onde se comercializam objetos descartados, reaproveitados e ressignificados. Entre outros caminhos por vir.

Portanto, faz-se necessário ir além do gesto simbólico e construir políticas que respeitem e fortaleçam as práticas populares urbanas. Enquanto escrevemos esse artigo, outra parte da feira foi deslocada, a gastronomia, para dentro da Praça Paris, nos arredores da Avenida Augusto Severo (onde ocorre a feira aos domingos).

E fica aqui nosso desejo de seguir acompanhando os projetos de ordenamento urbano na cidade do Rio de Janeiro (e o que as pessoas que vivem no chão da cidade fazem com eles). Porém, assim como depois de fazer uma feira, precisamos voltar para casa. Mas já está chegando o ônibus para Vila Isabel e Grajaú, em outro momento continuamos — em um outro domingo, por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Projeto de Lei nº 3123/2024**: Declara Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial da cidade do Rio de Janeiro a Feira Cultural do Bairro da Glória. Rio de Janeiro: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2024.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectivas, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009 [1975].

GARCÉS, Eduardo. comércio ambulante e ofício de rua: cidade, modernidade e mundo popular nos Andes. In: **CIDADES sul-americanas como arenas culturais**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, p. 237-252, 2019.

GAMA, Stefano. Garimpeiros Urbanos a valorização do “lixo” e a desvalorização do trabalho: um estudo de caso com catadores de materiais recicláveis de Salvador, Bahia. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2015.

INGOLD, Tim. In the Gathering Shadows of Material Things. In: **Exploring Materiality and Connectivity in Anthropology and Beyond**, pp. 15–28. London: UCL Press, 2020.

10^a ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Rogério. Contra-usos e espaço público. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 116–130, jun. 2002.

LEROI-GOURHAN, André. **O gesto e a palavra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

LIMA, Maria Raquel Passos. **O avesso do lixo: materialidade, valor e visibilidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

LORETTI, Pricila. Do lixo ao luxo: a valorização de objetos a partir da Feira de Antiguidades da Praça XV. **Dissertação** (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

NIXON, Rob. **Slow violence and the environmentalism of the poor**. Cambridge: Harvard University Press, 2011.

PATEL, Raj; MOORE, Jason W. **A History of the World in Seven Cheap Things**. Berkeley: University of California Press, 2007.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

TOLEDO, Luiz Carlos. **Do garimpo urbano: Shopping-chão nas calçadas do Bairro da Glória**. Rio de Janeiro: Vitrus, 2018.